

## **Novos métodos exegéticos: Em busca de convergências para uma melhor interpretação**

*Anderson de Oliveira Lima\**

### **Resumo**

Neste artigo apresentamos um roteiro para a exegese bíblica que abre espaço para a discussão de alguns paradigmas que estão se renovando. Este roteiro traz novidade por colocar a exegese em discussão com outras disciplinas, a saber, com a historiografia e com a linguística, das quais retiramos importantes contribuições para a atualização da exegese no Brasil.

**Palavras-Chave:** Exegese; Interpretação Bíblica; Narratologia; Teoria da História.

### **Abstract**

In this paper we present an itinerary for biblical exegesis that opens space for discussion of some paradigms that are being renewed. This guide brings innovations for setting the exegesis in discussion with other disciplines, namely, with historiography and linguistic studies, from where we removed significant contributions to the update of exegesis in Brazil.

**Key-words:** Exegesis; Biblical Interpretation; Narratology; Theory of History.

### **Introdução**

As páginas seguintes não foram escritas após minha experiência exegética se consolidar com muitos anos de trabalho; pelo contrário, elas nascem do próprio momento reflexivo, são mesmo parte do meu processo pessoal de estudo e renovação dos antigos paradigmas metodológicos em minha própria prática. Por isso resolvi escrever em primeira pessoa, de maneira mais pessoal, convidando também o leitor a juntar-se a mim neste

---

\* O autor é doutorando e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Brasil), além de especialista em Bíblia (Lato-Sensu) também pela Universidade Metodista, e bacharel em música (violão erudito) pela Universidade Cruzeiro do Sul. Atualmente ensina a interpretação do Novo Testamento no ICEC (Instituto Cristão de Estudos Contemporâneos), em São Paulo. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0893915454622475>.

processo de aprendizado. O leitor que convido à reflexão é, primeiramente, aquele que se interessa pela literatura bíblica, que considera a exegese, a coletânea de métodos de análise literária aplicados à Bíblia, algo relevante. Aí começam as diferenciações entre leitores.

Dentre os interessados, usufruirão melhor desta discussão aqueles que lidam ou alguma vez já tiveram que lidar com o processo de interpretação bíblica para fins acadêmicos. Estes, provavelmente já tiveram acesso a algum tipo de metodologia, seja através da leitura de manuais de exegese, seja através das aulas de hermenêutica nos seminários teológicos, ou quem sabe sejam professores que sabiamente continuam procurando o aperfeiçoamento. Por conta desta experiência prévia, estes possíveis leitores entenderão em que sentido propomos novidades, e saberão julgá-las com maior proveito. Todavia, há também aqueles que se interessam pela literatura bíblica, mas não para fins acadêmicos, e sim religiosos. Estes, certamente aproveitarão as discussões seguintes para aperfeiçoar seus métodos de leitura, embora algumas vezes possam encontrar dificuldades por conta da não experiência. Quiçá eu possa por meio dessas páginas instigá-los a unir sua leitura de fé às ferramentas científicas que hoje se nos oferecem, para o aprimoramento da leitura pessoal e até eclesial do texto bíblico. Pensando nesses leitores, pretendo, na medida do possível, fazer deste artigo também um guia com indicações bibliográficas para aqueles que pretendem dar continuidade ao estudo da exegese.

Apesar de reconhecer que meu alvo são aqueles já familiarizados à literatura bíblica, gostaria muito de também contribuir com os demais leitores, que talvez tenham interesse meramente literário na Bíblia, e buscarão neste artigo mais as discussões teóricas do que a aplicação final na interpretação dos textos bíblicos. Sem dúvida a leitura poderá ser proveitosa também para estes, pois aqui não traremos debates sobre o significados de passagens bíblicas, mas trataremos da renovação dos paradigmas pela qual a exegese brasileira está passando, e estes paradigmas e sua aplicação aos métodos de leitura, certamente possuem um valor muito mais amplo do que podemos prever.

O artigo será estruturado segundo um roteiro exegético que tenho desenvolvido. Por questões didáticas, quando falamos de exegese temos sempre a necessidade de apresentar os métodos sequencialmente, e esta sequencialidade, embora tenha suas razões de ser, não deve ser entendida como um roteiro fixado para o exegeta. Sempre digo que cada texto bíblico a ser analisado nos apresenta suas próprias exigências, e a escolha dos métodos e sua sequencialidade são sempre variáveis. Todavia, ainda é necessário desenvolver algum roteiro, ao menos para o ensino da exegese, e é isso que faço nestas páginas. Então, este roteiro que

seguiremos é novo, pessoal, e por si mesmo já representa alguma novidade para este área de pesquisa. Em resumo, proponho três momentos de análise, três olhares diferentes que se complementam. O primeiro é estrutural, voltado para a forma que o texto recebeu; o segundo olhar é para seu conteúdo interno, e o terceiro é um olhar extra-textual, para que o mundo do texto nos ajude a entendê-lo. Há também um momento introdutório, e um final que trata da atualização de conteúdo, para aqueles que possuem interesses práticos ou eclesiais. Claro que cada um desses momentos se dividem em vários outros, e me deterei mais nos pontos em que introduzo novos conceitos, ou que proponho mudanças em relação à metodologia exegética tradicional.

Faltam ainda algumas poucas palavras introdutórias, para explicar aos leitores de onde me vêm a ideia de renovar a exegese bíblica. Não há como negar a herança advinda dos métodos mais tradicionais de exegese, que talvez possamos chamar de *Método Histórico-Crítico*, que costuma ser visto como um filho do iluminismo alemão do século XVIII (Volkman, 1992, p. 26-29). Mas é exatamente pela inadequação de parte dessa antiga escola às exigências de nossos dias que buscamos aprimorar nossa exegese a partir de outras fontes. A primeira influência que me moveu a esta renovação veio da historiografia. Os historiadores, assim como os exegetas, lidam com a leitura e a interpretação de documentos do passado, mas aqueles se renovaram mais do que os exegetas, e hoje, como exegeta, me vejo obrigado a aprender com os teóricos da historiografia para que eu não continue lendo a Bíblia como liam os críticos de três séculos atrás. O outro campo de conhecimento que me impulsiona é a linguística, pois os linguistas, assim como os exegetas, tratam dos processos de comunicação, de interpretação, e também evoluíram mais rapidamente do que nós, especialmente ao longo do século XX. Talvez a filiação religiosa dos exegetas seja a responsável pela defasagem da exegese, todavia, tenho que reconhecer que se não fosse a importância religiosa da Bíblia, o Brasil não teria muito a dizer a seu respeito. Ainda há, admito com relutância, certo fundamentalismo herdado das religiões cristãs implícito na exegese brasileira em geral, mas é também este fundamentalismo que nos faz privilegiar a Bíblia e querer conhecê-la melhor. Assim sendo, o mesmo fenômeno que faz nascer exegetas, precisa ser combatido depois para que estes exegetas não se prendam aos dogmas e impeçam a exegese brasileira de caminhar.

## **1. Procedimentos Introdutórios: Escolha e Preparação do Texto**

Antes de qualquer análise, obviamente precisamos decidir o que vamos analisar. Isso pode não ser tão simples quando estamos falando de escolher alguns versículos dentre uma

verdadeira biblioteca de milhares de páginas como é a Bíblia. Por isso, minha proposta começa antes da exegese, falando da aproximação para com o texto, das primeiras leituras, da escolha por um objeto de estudo de tamanho limitado e acessível, das primeiras impressões que teremos deste objeto, e de todos os procedimentos que precedem a análise em si.

Não vou me deter nestes procedimentos introdutórios, pois basta uma consulta aos mais tradicionais manuais de exegese para que o leitor tenha contato com eles. Por isso, me limitarei à enumeração destes tais procedimentos que, em minha opinião, precedem a exegese: 1) Aproximação e escolha do texto; 2) Delimitação de perícopo; 3) Tradução ou comparação de traduções; 4) Crítica Textual (opcional).

## **2. Análise das Formas**

Esta primeira parte da análise é também tradicional, mas já sofre algumas correções em meu roteiro exegetico. Notei que grande parte dos exegetas não sabe aplicar qualquer análise de formas ao texto, e muitas vezes a análise das formas limita-se à avaliação dos gêneros literários. Fora isso, apenas estruturas estilísticas muito comuns como paralelismos são notadas. Mas há muito mais para dizer em relação às formas de um texto, e por isso, resolvi tratar desse tema em quatro diferentes seções, que estão divididas por um critério mais didático do que científico.

Eu lido primeiro com as “formas inconscientes”, aquelas que estão em qualquer texto ou qualquer fala, mesmo quando o texto é prosaico e suas formas parecem aleatórias. Estas formas estão lá por convenções culturais não explícitas, por leis gramaticais, e até por razões biológicas; estas “forças” nos fazem naturalmente subdividir nossos atos de comunicação em frases, parágrafos, capítulos, e cabe ao exegeta identificar a forma natural de cada texto. Aqui, sem dúvida nenhuma, as propostas nada recentes de autores consagrados como Tzvetan Todorov, Roland Barthes ou Algirdas J. Greimas, que podem nos ajudar bastante. Há no Brasil uma publicação que reúne artigos destes e outros autores que poderia ser consultada; trata-se de *Análise Estrutural da Narrativa* (Barthes, 2011), e em especial, o artigo de Greimas sobre a interpretação das narrativas míticas (p. 63-113).

Depois dessa primeira análise, daremos um passo a mais e trataremos de formas mais evidentes, mais conscientes, mas que nem sempre nos permitem caracterizar gêneros. Por exemplo, eu posso falar usando algumas rimas, e tenho que pensar nelas para ter sucesso, contudo, isso não quer dizer que estou compondo um soneto ou um poema concreto. Temos então rimas a analisar, mas não necessariamente um poema ou um repente. Na prática, é hora

de averiguar os paralelismos, quiasmos, repetições e todos os recursos estilísticos típicos da literatura bíblica. Depois, sugiro a abordagem dos gêneros, que para serem devidamente seguidos, um autor tem que conhecer e tomar a decisão de empregá-los. Aí sim poderíamos dizer que não há apenas uma rima proposital, mas todo o texto ou fala está seguindo regras em busca de se encaixar num molde já existente. Isso exige maior conhecimento, esforço e habilidade por parte do autor, e conseqüentemente, mais dedicação à pesquisa por parte do exegeta.<sup>1</sup>

Em resumo, primeiro vamos aos casos em que nenhuma estrutura é propositalmente planejada, e chamamos esse momento de “Análise das Estruturas Inconscientes”. Depois, vamos àqueles textos em que já há certas estruturas, mas que funcionam mais como recursos estilísticos, e que não são suficientes para caracterizar um gênero. Chamamos esse segundo tipo de “Análise dos Recursos Estilísticos Formais”. E por fim, vamos às formas fixas, aos gêneros, aos textos que acima de tudo pretendem encaixar-se nos moldes de alguma estrutura já consagrada. Esta é a “Análise dos Gêneros ou Formas Fixas”, para a qual o livro *As Formas Literárias do Novo Testamento* de Klaus Berger (1998) continua sendo um auxílio indispensável (para a análise dos textos do Novo Testamento, é claro).

Talvez isso não seja novidade, mas na mesma seção em que trabalho as estruturas internas do texto, eu também dedico atenção à “Análise das Estruturas Externas”, ou em outras palavras, ao “Contexto Literário”. Junto essa análise à anterior simplesmente porque ambas se ocupam com as formas, com o arranjo que foi dado ao texto, seja intencionalmente ou não. Aqui, como sugestão bibliográfica, não poderia deixar de mencionar o trabalho de Robert Alter, que dedicou um capítulo do excelente *A Arte da Narrativa Bíblica* à questão do modo como os autores bíblicos construam seus contextos literários encadeando perícopes (2007, p. 197-230).<sup>2</sup>

### **3. Análise de Conteúdo**

Agora é importante dizer que não sigo a “análise de conteúdo” conforme as definições dos manuais de exegese *Histórico-Crítica*. O que chamo de análise de conteúdo aqui é uma coleção de sugestões interpretativas herdadas principalmente da *Narratologia* e da *Análise do*

---

<sup>1</sup> Escrevi um artigo especificamente sobre a análise do gênero da narrativa da mulher samaritana de João 4. O artigo pode ser acessado on-line e servirá como um bom exemplo desse momento da análise exegetica (Lima, 2010b).

<sup>2</sup> Também publiquei um artigo sobre o tema, inspirado já pela leitura do citado texto de Robert Alter. Neste caso, fiz um exercício sobre Apocalipse capítulo 12 (Lima, 2010a).

*Discurso*, métodos que não nasceram do trabalho dos biblistas, mas que são cada vez mais empregados na exegese bíblica. Geralmente o acesso a essas “escolas” de interpretação é limitada por conta de dificuldades terminológicas; cada tipo de análise adota termos próprios e por vezes de alta complexidade, o que se torna uma barreira para que os exegetas assimilem tais propostas à suas exegeses. Na medida do possível, tentaremos amenizar esta dificuldade.

Da *Análise do Discurso* adotaremos a maneira de distinguir nos textos seus dois níveis de linguagem que reservam cada qual uma parcela do conteúdo a ser analisado. Trata-se da distinção entre “figuras” e “temas”. Os autores concordam, ao definir o que são “temas” e “figuras”, que basicamente estes termos diferenciam as idéias abstratas das coisas concretas. Vejamos as palavras de José Luiz Fiorin, primeiro sobre as figuras:

*A figura é o termo que remete a algo existente no mundo natural: árvore, vagalume, sol, correr, brincar, vermelho, quente, etc. Assim, a figura é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural.*  
(2005, p. 91)

Poderíamos caracterizar como figurativo, todo texto que trabalha com figuras, com termos que remetem o leitor ao mundo concreto. Em geral, os textos narrativos, onde há um contador de histórias, personagens, cenários, são essencialmente figurativos. Mesmo que estejamos lendo uma história fictícia, o texto pode ser caracterizado como figurativo, pois até as naves espaciais e os extra-terrestres remetem a coisas naturais, palpáveis, que são reais no nível narrativo. Isso é o que acontece, por exemplo, quando lemos os textos do visionário João do livro de Apocalipse, e o vemos descrevendo as coisas que supostamente ele vê no céu. Mesmo que ele fale de anjos, de livros, selos e trombetas, ele ainda continua no nível figurativo, pois no texto, anjos não são abstratos.

Passemos então à definição dos temas:

*Tema é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural. Temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc.* (Fiorin, 2005, p. 91)

Notemos que estamos falando de conceitos, de idéias, e estas são coisas que dificilmente ganham um caráter concreto nos textos. Assim como as narrativas são essencialmente figurativas, há textos que são essencialmente temáticos. Os evangelhos são figurativos, é claro; suas narrativas descrevem a realidade, ainda que possamos dizer que tais realidades são criações literárias. Porém, as cartas de Paulo são textos em que os temas prevalecem, pois elas apresentam conceitos, pensamentos, princípios éticos...

Mas essa maneira de classificar os textos não é precisa, pois a verdade é que os textos podem possuir as duas dimensões; ou seja, textos temáticos podem eventualmente se utilizar de figuras, e textos figurativos podem conter um nível temático subjacente. O leitor de textos temáticos pode encontrar dificuldades em entender os argumentos, em identificar todos os temas, mas geralmente consegue extrair do texto sua mensagem central. Neles, os temas podem estar no próprio texto, ou são extraídos da análise das figuras. Aí os temas são colocados de maneira mais direta, e as figuras é que são secundárias. Todavia, nos textos mais figurativos a leitura das figuras é mais simples, mas pode haver confusões quando temos que identificar os temas, que na maioria das vezes não são colocados no texto de maneira direta.

Eu sigo esta distinção entre temas e figuras durante toda a análise de conteúdo. Procuro sempre identificar o que está sendo transmitido tanto no nível figurativo quanto temático. Outra vez, para ser mais didático, vou tratar da análise das figuras separadamente, mas deve o leitor ter em mente que essa sequencialidade não precisa ser seguida na prática.

Para começar, vamos à análise dos personagens que são figuras (Marguerat; Bourquin, 2009, 75-91). Além de observar como estes são construídos (atentando para os adjetivos, para as descrições, falas, ações ou opiniões do narrador sobre eles), julgo de essencial importância a identificação da hierarquia entre personagens (pois toda narrativa elege seus protagonistas e figurantes), e a compreensão de quais são os personagens com os quais o texto quer nos aproximar, e de quais quer nos afastar. Esta análise nos permite não somente entender melhor o papel dos personagens na narrativa em seu nível figurativo, mas também nos leva à compreensão das intencionalidades no nível temático.

Depois de analisar personagens, podemos analisar os lugares ou referências topográficas presentes no texto. Aqui não se trata de pesquisar o significado do nomes das cidades ou de averiguar a importância simbólica de determinado local, mas principalmente, de entender a relação que o texto constrói entre os cenários que emprega. Para isso, novamente lembro o artigo de Greimas (2011, p. 63-113), que demonstra quão importante é verificar o sentido dos deslocamentos de um personagem entre lugares (deslocamentos horizontais,

ascensionais e descensionais), e as novidades que tais deslocamentos trazem para a narrativa (conjunções e disjunções com pessoas, circunstâncias, problemas...).

Também nesta análise de conteúdo caberiam observações sobre a condução do “tempo narrativo”, que observa principalmente como o narrador faz o tempo acelerar ou desacelerar enquanto conta sua história, geralmente dando destaque aos momentos mais decisivo desacelerando o tempo até que a história parece passar em tempo real para nós, leitores. E também cabe aqui a análise da sequência de ações, ou análise de enredo, que procura identificar os círculos de crise e resolução que são propostos nas narrativas, destacando estes momentos e o ponto em que há uma reviravolta na situação, ponto que geralmente é considerado o clímax da narrativa. Não dedicarei mais espaço a tais análises, mas posso dizer que ambos os aspectos são trabalhados com excelência no manual de narratologia de Daniel Marguerat e Yvan Bourquin (2009, p. 107-123, 55-74).

#### **4. Análise Extra-Textual**

Neste último momento da análise exegética proponho que o exegeta finalmente se dedique à análise diacrônica, ou seja, de fora para dentro do texto. Aqui é o “mundo do texto” que está em questão, e primeiro nos perguntamos, caso isso seja necessário, pela “teoria literária” mais conveniente. Para cada texto bíblico há teorias que procuram explicar sua origem, sua data, sua nacionalidade, seu propósito... Em alguns casos, é necessário adotar uma teoria para explicar o texto, e este é o momento para fazer isso.

Como os textos bíblicos em geral não possuem referências claras para responder a qualquer uma dessas perguntas, o que temos são teorias, hipóteses, e não certezas. Todavia, teorias não são meros palpites; são explicações baseadas nas análises dos dados disponíveis que oferecem respostas ao menos provisórias, e com certeza para uma exegese é melhor ter uma teoria do que ficar sem nenhuma. Por isso, quando lidamos com a Bíblia podemos estudar as teorias existentes e adotar uma, e só se pode dizer que alguma teoria é falsa e rejeitá-la quando temos outra teoria que a supere. Entretanto, deixe-me dizer que na maioria dos casos não temos que adotar um local ou data exatos. Geralmente os textos bíblicos são melhor compreendidos quando entendemos algo sobre seu contexto político, social, religioso, econômico, mas para isso nem sempre é preciso definir se um texto é de Jerusalém ou da Galiléia, se é da Síria ou de Éfeso. A insistência em fazer escolhas redutoras desse tipo tornam nossa exegese frágil, pois nos apoiamos em hipóteses cuja aceitação não é plena. Se possível, trabalhamos com alguma margem de erro, dizendo por exemplo, que o texto nasceu



nalgun momento entre o final do século I e início do II, e que deve ter surgido e circulado entre Galiléia e Síria. A falta de exatidão expressa nossas incertezas, mas evita erros decisivos.

Emprego novamente as terminologias advindas da *Análise do Discurso* para falar dos próximos passos exegéticos. Trata-se da análise da *interdiscursividade* e da *intertextualidade*. Para muitos, a interdiscursividade trata-se simplesmente de uma análise contextual, onde falamos de “discurso” para falar das idéias que circulavam na cultura e das informações históricas que autores e leitores dos textos bíblicos sabiam antes mesmo que estes textos se tornassem sagrados (canônicos). Então, ao falar das relações interdiscursivas, estamos falando das aproximações dos discursos conhecidos por um autor e por seu mundo. Estes discursos se ligam ao texto que temos diante de nós porque influenciaram a produção do texto, estavam na mente do autor que acabou por transferir parte deles para o “papel” de forma consciente ou não. Já a intertextualidade é a relação entre alguma informação de nosso texto com outro texto anterior ou contemporâneo, relação que pode assumir inúmeras formas como a citação, a referência, a alusão, o plágio ou a paródia (Samoyault, 2008, p. 49-54).

Na exegese mais tradicional, já existia a análise traditiva que tinha por objetivo dar conta desses mesmos fenômenos intertextuais e interdiscursivos, mas acreditamos que a nova terminologia representa uma evolução desta análise, que distingue com maior precisão as diferentes relações do texto com seu mundo. Também está implícita nesta análise das relações intertextuais a chamada “crítica das fontes”, que se preocupava com a história dos textos, sua origem e evolução, suas correções, ampliações etc (Schnelle, 2004, p. 57).<sup>3</sup> Mas havia um problema na tradicional “crítica das fontes” que estava nos seus pressupostos, como vemos na busca pelas características biográfica ou psicológica do autor-real que motivava o estudo das fontes (Samoyault, 2008, p. 15-17). Procurava-se identificar a versão mais antiga de um texto com o único intuito de reconstruir a versão “original” daquele texto, versão que simplesmente por ser mais antiga supostamente é melhor. Na verdade, toda vez que tentamos reconstruir o texto mais antigo ou original, acabamos mesmo é por construir um novo documento falso, apoiado em hipóteses inseguras, e desprezamos aquilo que temos em mãos, que é o melhor texto que o tempo foi capaz de preservar. Por isso, neste breve cronograma não utilizamos a “crítica das fontes” dessa maneira, e para evitar que a linguagem viciada também nos influencie, preferi tratar o estudo das fontes como mera relação de intertextualidade.

---

<sup>3</sup> No Manual de exegese do Novo Testamento de Uwe Wegner, o autor é mais detalhista e trabalha estas questões em dois capítulos diferentes intitulados de “Análise da Redação” e “Análise da história da transmissão do texto” (1998, p. 123-164, 230-235).

Depois desses três momentos de análise extra-textual, eu incluo o que poderíamos chamar de *História da Recepção*. Este passo não é uma análise textual como as anteriores, não lida com a interpretação do texto e não acrescenta nada à maneira como o examinamos, mas estuda a maneira como determinado texto foi lido e interpretado ao longo da história. Trata-se de uma pesquisa dos caminhos do texto nas mãos dos seus leitores, das apropriações dele por outros autores, ou seja, é uma investigação do que acontece com um texto depois que ele ganha vida própria e desvencilha-se por completo de seu autor, de sua origem e contexto. Aqui também cabe um parêntese muito particular.

A análise da recepção é hoje uma disciplina que já tem sido aplicada ao estudo da Bíblia em diferentes partes do mundo (Milton, 2005). Mas em geral, uma pesquisa que é chamada de “história da recepção” aborda a leitura de determinado texto principalmente por parte de leitores leigos. Ou seja, os pesquisadores procuram saber como o cinema norte-americano trata de determinada tradição bíblica, como a pintura medieval lidou com a história da paixão de Cristo, como os neo-pentecostais usam a Bíblia para falar de prosperidade... Tudo isso têm valor, porém, pergunto-me: porque quando alguém vai à biblioteca e lê um comentário escrito por algum doutor, diz-se que ele está fazendo pesquisa bibliográfica, e não análise da recepção? Talvez haja alguma justificativa para diferenciar as leituras “eruditas” das “populares”, mas no roteiro exegético que proponho, a análise da história da recepção de um texto compreende a pesquisa em ambos os campos, tanto a das fontes acadêmicas quanto das populares ou leigas. Assim, o exegeta vai terminando sua análise comparando sua produção com a de outros intérpretes, o que pode levá-lo a corrigir-se, e o ajudará a avaliar seu próprio desempenho.

## **5. Atualização de Conteúdo**

O roteiro exegético que propomos aos leitores está completo com a aplicação dos passos anteriores. São em resumo três olhares sobre o texto, um voltado para suas formas ou estruturas, outro para seus conteúdos internos, e outros para suas relações com o mundo. Fora esses três olhares principais, tivemos uma abordagem introdutória com a delimitação e a comparação de traduções. Porém, parar aqui só satisfaz os acadêmicos. Falar sobre o texto como documento histórico, como obra literária, é o que fazemos nas universidades, nos artigos acadêmicos, nas dissertações e teses, mas isso não basta para a vida fora da academia, para a igreja, para a fé das pessoas que esperam que a exegese contribua também em suas vidas.

Por isso incluo ao final da exegese este passo que pode ser considerado opcional: a atualização do sentido do texto. O princípio é simples: a partir do resultado obtido na exegese, principalmente das conclusões tiradas do nível temático do conteúdo, nos perguntamos pelo valor que aquela mensagem possui para os dias atuais. É difícil estabelecer critérios para escolher o que merece ser lido como norma para os dias de hoje ou não, e por isso adotei um roteiro proposto por Júlio Zabatiero para esta atualização do texto bíblico (2007, p. 150). Em resumo, este roteiro traz os seguintes passos: 1) Primeiro é preciso fazer a exegese e formular uma síntese dos resultados; 2) depois o exegeta deverá então identificar em seu próprio mundo, tempo e lugar, discursos similares. Ao notar que um problema dos tempos bíblicos se parece com um problema atual, é possível aplicar o conteúdo da exegese com mais segurança; 3) caberá ao exegeta fazer uma aproximação em relação às questões do “hoje”, para que conhecendo os problemas, saiba relacionar melhor os discursos de ontem e de hoje; 4) Deve o exegeta ainda preocupar-se com as propostas práticas (“ações missionais” na linguagem de Zabatiero), os desafios reais que ficarão aos seus destinatários. Estas propostas devem ser claras, possíveis e não meramente utópicas, e realmente relevantes para nosso tempo.

## **Conclusão**

Apensar da incompletude deste trabalho, de seu caráter provisório, penso que o roteiro proposto apresenta-se de maneira didática, praticável. Mas não tenho dúvidas de que precisa ser experimentado, testado, e avaliado por outros exegetas, e este é também um dos motivos para procurarmos a publicação deste artigo experimental.

Na introdução, eu disse que as supostas novidades deste roteiro exegetico me vieram do contato interdisciplinar, e o leitor deve ter notado a presença de alguns conceitos recebidos da linguística. Mas o leitor também pode estar se perguntando pela historiografia e sua participação, coisa que não deixei explícita. Pois bem, foi a historiografia que me ensinou sobre a impossibilidade de reconstruir o passado, e por isso nos dedicamos aos textos bíblicos como “narrativas”, literatura, e não como janelas para o passado que nos revelam quem foi Jesus ou qualquer outra pessoa daqueles remotos dias. Foi a historiografia que me ensinou que minha exegese é uma “reconstrução” do sentido do texto e da mensagem de seu autor, e por isso mesmo, ela jamais será completa, segura ou definitiva. Foi a historiografia que me fez ver que era necessário ler a Bíblia sob uma nova ótica, encarando seu conteúdo como os críticos literários fazem com seus textos não-canônicos. Por isso, as influências da

historiografia sobre este trabalho são enormes, guiaram a escolha dos passos metodológicos, e não devem ser subestimadas.<sup>4</sup>

Enfim, sei que a brevidade do artigo é incompatível com a complexidade da discussão proposta. Considero este artigo um passo a mais na direção do desenvolvimento de um verdadeiro guia para o aprendizado da exegese, trabalho para o qual já tenho me dedicado. Despeço-me incluindo abaixo o roteiro exegético completo, apenas para facilitar a visualização e a aplicação prática.

## 1 – PROCEDIMENTOS INTRODUTÓRIOS: ESCOLHA E PREPARAÇÃO DO TEXTO

- 1.1 – Aproximação e Escolha
- 1.2 – Delimitação
- 1.3 – Tradução ou Comparação de Traduções
- 1.4 – Crítica Textual (opcional)

## 2 – ANÁLISE DAS FORMAS

- 2.1 – Análise das Estruturas Inconscientes
- 2.2 – Análise dos Recursos Estilísticos Formais
- 2.3 – Análise dos Gêneros ou Formas Fixas
- 2.4 – Análise das Estruturas Externas: Contexto Literário

## 3 – ANÁLISE DE CONTEÚDO

- 3.1 – Distinguindo Figuras e Temas
- 3.2 – Análise dos Personagens
- 3.3 – Análise dos Lugares
- 3.4 – Análise do Tempo Narrativo
- 3.5 – Análise das Ações (Enredo)

## 4 – ANÁLISE EXTRA-TEXTUAL

- 4.1 – Teoria Literária
- 4.2 – Análise Interdiscursiva
- 4.3 – Análise Intertextual
- 4.4 – Análise da Recepção

---

<sup>4</sup> Não poderia deixar de instruir o leitor também na busca pelas assimilações desses pressupostos advindos da historiografia, e por isso, vou indicar aqui dois títulos que me parecem bem completos e propícios para isso. Primeiro indico a recente obra de Fernando A. Novais e Rogério F. da Silva, que reuniram em *Nova História em Perspectiva* (2011) textos de célebres historiadores que nos oferece um panorama bem completo das mudanças de paradigmas da disciplina desde o começo do século XX até hoje. A outra obra é a de Júlio Aróstegui intitulada *A Pesquisa Histórica: Teoria e Método* (2006), livro extenso que debruça também sobre as particularidades da historiografia como ciência.

## Referências Bibliográficas

- ALTER, Robert. *A Arte da Narrativa Bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ARÓSTEGUI, Julio. *A Pesquisa Histórica: Teoria e Método*. Bauru: Edusc, 2006.
- BARTHES, Roland (et al.). *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BERGER, Klaus. *As Formas Literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- GARCÍA-JALÓN, Santiago. *Lingüística y Exégesis Bíblica*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2011.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Elementos para uma Teoria da Interpretação da Narrativa Mítica. In: BARTHES, Roland (et al.). *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 63-113.
- LIMA, Anderson de Oliveira. *Apocalipse 12: Um Conjunto Literário*. In: *Perspectiva Teológica*, v. 42, n. 117. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2010a, p. 205-226.
- \_\_\_\_\_. *O Casamento de Jesus: Um Enredo do Antigo Testamento na Construção da Narrativa de João 4*. In: *Revista Horizonte*, v. 8, n. 19. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte, 2010b, p. 138-152. <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/index>>
- MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para Ler as Narrativas Bíblicas: Iniciação à Análise Narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.
- MILTON, Alexander Leslie. História da Recepção da Bíblia: Novos Enfoques na Pesquisa Britânica. In: *Oracula*, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 2, 2005, p. 85-99.
- NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério F. da (orgs.). *Nova História em Perspectiva (Vol. 1 - Propostas e Desdobramentos)*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. *A Intertextualidade*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SCHNELLE, Udo. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2004.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

VOLKMANN, Martin; DOBBERAHN, Friedrich Erich; CÉSAR, Ely Éser Barreto. *Método Histórico-Crítico*. São Paulo: CEDI, 1992.

ZABATIERO, Júlio. *Manual de Exegese*. São Paulo: Hagnos, 2007.